

ANDRAGOGIA E A EDUCAÇÃO DE IDOSOS, JOVENS E ADULTOS

Wendel Souza Santos¹

RESUMO: A pesquisa aborda as contribuições da Andragogia para a Educação de Idosos, Jovens e Adultos. Teve como objetivo compreender o processo andragógico de aprendizagem na educação de jovens e adultos, reconhecendo suas especificidades. Para o desenvolvimento do trabalho, foi feita uma pesquisa qualitativa. Usou como instrumento de coleta de dados a entrevista com alguns alunos da EJA no município de Ilhéus – BA. Verificou-se que os discentes são detentores de muitas histórias de vida e expectativas em relação ao seu processo de escolarização, as condições de vida e conhecimentos são variadas. É desejável um professor com perfil para trabalhar na EJA que leve em conta a heterogeneidade da classe, as características da vida adulta, os diferentes estilos de aprendizagem e um profissional que valorize a formação continuada.

Palavras-chave: Andragogia; educação de jovens e adultos; formação continuada.

Introdução

Este artigo tem como base as investigações teóricas e práticas das questões relacionadas com a construção de um modelo pedagógico peculiar da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sendo assim, segundo Oliveira (2009), em reconhecimento para tais especificidades, a Andragogia está centrada no aluno, na independência, na autogestão. A aprendizagem do adulto é para aplicação prática em sua vida, com utilidade no enfrentamento de desafios pessoais e profissionais. A motivação e a experiência são fundamentais na metodologia de ensino/aprendizagem do aluno adulto.

Para tanto, é preciso entender que a proposta fundamental é reconhecer que nossos alunos são marcados por diferenças individuais e, na perspectiva andragógica, a aprendizagem de adultos se diferencia das crianças e adolescentes, uma vez que os adultos são automotivados, possuem uma vivência rica em experiências, tanto na sua vida pessoal como profissional, são capazes de agir e tomar decisões de forma autônoma. O sentido é de formação ao longo da vida, podendo refletir e realizar escolhas, dando novos direcionamentos. Isso se evidencia no depoimento da entrevistada A, 65 anos, aluna do TOPA em Ilhéus-BA *“Tenho vontade de aprender a ler, pegar um livro e ler, ler, ler até cansar. Ler assim, pam pam pam até dizer chega! (risos da alfabetizanda). Nunca perdi um dia de aula”*.

A educação deve facilitar a aprendizagem do aluno com o objetivo de:

Liberar a sua capacidade de auto-aprendizagem de forma que seja possível seu desenvolvimento tanto intelectual quanto emocional. Seria a criação de condições nas quais os alunos pudessem tornar-se pessoas de iniciativa, de responsabilidade, de autodeterminação, de discernimento, que soubessem a aplicar-se a aprender as coisas que lhe servirão para a solução de seus problemas e que tais conhecimentos os capacitassem a se adaptar as novas as novas situações, aos novos problemas (MIZUKAMI, 1986, p. 45).

A função do professor é de “[...] ultrapassar a mera reprodução para a produção do conhecimento buscando opções didáticas metodológicas que caracterizem uma ação docente compatível com as exigências e necessidades do mundo contemporâneo” (BEHRENS, 2010, p. 62). Nessa perspectiva, é importante que o docente reflita sobre a finalidade da sua ação educativa, reconhecendo as potencialidades de seus alunos. O aluno deve ser visto como ser complexo e competente, mas, para que se atinjam os objetivos, é necessário estabelecer o respeito entre as pessoas por meio de um ambiente harmonizador.

Esta pesquisa foi realizada com alunos do Programa TOPA - Todos Pela Alfabetização. Trata-se de um programa destinado a alfabetização de jovens e adultos realizado na cidade de Ilhéus- BA. As discussões

¹ Graduado em Pedagogia pela UESC.

derivadas do processo de investigação foram aqui organizadas mediante três capítulos. O primeiro capítulo, Princípios básicos da Andragogia, detalhamos os princípios básicos da aprendizagem de adultos na visão de Knowles e Kolb. Logo após, vem o capítulo contribuições de Paulo Freire para educação de jovens e adultos no qual apresentamos o legado de Freire para a educação de jovens e adultos por meio da prática pedagógica transformadora. Já o último, Prática docente no ensino de EJA, apresentamos a fundamentação metodológica que deve ser praticada no ensino da EJA com base nos relatos dos alunos entrevistados.

A pesquisa teve como objetivos compreender o processo andragógico de aprendizagem na educação de jovens e adultos, reconhecendo suas especificidades; investigar a prática docente; analisar relatos de alunos e relacionar a pesquisa sempre em comparação nos aportes teóricos.

Princípios básicos da andragogia. Princípios básicos da aprendizagem da EJA segundo Malcolm Knowles²

Sobre a Andragogia, a terminologia não é tão recente, foi utilizada pela primeira vez por Alexander Kapp em 1833. Contudo, um conjunto de conceitos sobre a educação de adultos foi introduzida mais tarde pelo americano Malcolm Knowles, sendo considerado precursor da Andragogia e baseava-se em um modelo andragógico pragmático, que contemplava um modelo pedagógico.

Aquino (2007) afirma que ao definir os princípios básicos da Andragogia, Knowles apresenta cinco:

Autoconceito: O autoconceito diz respeito à capacidade do adulto de ser auto direcionado, para agir de forma independente, podendo tomar decisões, fazer escolhas e responsabilizar-se por elas.

Experiência: ao longo da vida, acumulamos experiências que são fundamentais para a aprendizagem. É importante que, ao organizar sua prática pedagógica, o professor considere essa gama de saberes que são frutos da experiência, trabalhando com situações problema.

Prontidão para aprender: qualquer grupo de adultos traz consigo uma gama maior de experiências do que um grupo de adolescentes mais velhos. Os adultos são mais heterogêneos em termos de experiências prévias, necessidades, motivação, estilos de aprendizagem, interesses e metas. Portanto, a ênfase na educação de adulto deve ser colocada na individualização das estratégias de ensino e aprendizagem. A Prontidão para aprender está associada às tarefas executadas pelo adulto ao desempenhar diferentes papéis sociais. É fundamental que o professor possa estar atento às mudanças em suas necessidades de direcionamento e apoio ao longo da experiência de aprendizagem. O desenvolvimento dessa prontidão pode ser estimulado através de exposição a modelos superiores de performance, aconselhamento de carreira, exercícios de simulação e outros.

Motivação para aprender: está diretamente relacionada à possibilidade de aplicação imediata do conhecimento, assim, a orientação passa ter foco em problemas. Adultos buscam satisfação com o sucesso obtido em sua aprendizagem, pelo que aprenderam, são direcionados por objetivos e valorizam o que aprendem.

Aquino (2007) diz que o modelo andragógico de Knowles considera que o adulto tende a ser mais motivado para uma aprendizagem que irá ajudá-lo a resolver problemas da sua vida ou que resultará em recompensas pessoais e internas. Esses motivos são pressões internas, como, por exemplo, o desejo de aumentar a satisfação no trabalho, a auto-estima, a qualidade de vida. O que não quer dizer que o adulto também não responda às motivações externas, como uma melhor opção de emprego, aumento de salário, promoção, etc. Mas com certeza as motivações internas são as mais significativas.

² Malcolm Shepherd Knowles (1913- 1997) talvez tenha sido o representante mais importante da área da educação de adultos na segunda metade do século XX. Ele escreveu os principais trabalhos e a história da educação de adultos dos Estados Unidos. Mais do que isso, as tentativas de Knowles para desenvolver uma base conceitual diferenciada para a educação e para a aprendizagem de adultos tornaram a andragogia uma abordagem amplamente discutida e utilizada. Seus trabalhos foram de crucial importância para orientar educadores de pessoas adultas a assumir uma postura de “ajudar pessoas a aprender”, em vez de simplesmente “ensiná-las”. (AQUINO 2007, p 11).

Para Osório (2003, p. 92):

Knowles será quem mais se empenha na defesa de um termo independente para se referir à prática e ao estudo de adultos com base no fato de, apesar de alguns princípios da educação infantil serem aplicáveis à dos adultos, a sua posição social, as suas responsabilidades perante os outros e as suas funções são muito diferentes das primeiras idades e isso exige uma nova disciplina.

“Malcolm Knowles tornou-se referência no assunto, após estudar distinções entre Pedagogia e Andragogia, que é, de maneira simplificada, o ensino para adultos; aprendizes autônomos e professores como facilitadores na aprendizagem”. (APOSTÓLICO, 2012.p. 122). Portanto, Knowles esclarece a aprendizagem de adultos está diretamente relacionada ao desempenho de papéis sociais desenvolvidos na família, no desempenho profissional e nas comunidades, entre outros.

Princípios básicos da aprendizagem da EJA segundo David Kolb³

Batista e Silva (2010) dizem que Kolb acredita que o processo de aprendizagem de adultos seria mais produtivo se o objeto de aprendizagem fosse vivenciado, experienciado, pois acredita que a aprendizagem é um processo holístico, ou seja, assim, o ser humano é visto como um todo, assim, a proposta educacional valoriza uma postura ativa, reflexiva e crítica do sujeito. Destaca também a necessidade de o aluno produzir conhecimento de forma autônoma, prevalecendo o exercício da criatividade e o espírito investigativo, tendo como foco a visão complexa do universo e a educação para a vida.

Aprender envolve solucionar conflitos dos modos opostos de adaptação e construir conhecimento a partir das experiências acumuladas ao longo da vida. O modelo de Kolb, baseado no ciclo de aprendizagem vital, apresenta quatro estágios (BATISTA; SILVA, 2010, p. 2).

Batista e Silva (2010) apresentam traduzem esses quatro estágios em Kolb. São eles: 1. Experiência Concreta: experiências concretas fornece uma base para observações e reflexões; 2. Observação Reflexiva: observações e reflexões são assimiladas e destiladas em conceitos abstratos; 3. Conceituação Abstrata: produz novas implicações para a ação que pode ser ativamente testada; 4. Experimentação Ativa: cria novas experiências.

De acordo com Kolb, a experiência envolve o envolvimento em novas experiências, a conceitualização abstrata compreende a construção de conceitos abstratos e generalizações; a partir das reflexões e observações. Dessa forma, observar e fazer implica em transformação da realidade, por meios opostos, que foram chamados por Kolb de observação reflexiva que consiste na reflexão sobre a vivência e a experiência concreta a partir de diferentes perspectivas. A experimentação ativa diz respeito à aplicação dos conceitos e situações novas, envolvendo a capacidade de tomar decisões e resolver problemas.

Percebe-se que a construção de novos saberes impulsiona as transformações em nosso fazer cotidiano. Para tanto, ser professor de adultos é agir de forma autônoma, usar a criatividade e refletir sobre a sua prática. Nosso papel é conduzir os alunos a esse processo, compartilhando experiências, realizando intervenções, possibilitando a construção do conhecimento em estreita associação com a prática de um sujeito que está em permanente processo de mudança, aprimorando formas de mediação com os sujeitos que são formados a partir de um processo histórico e do contexto social a que pertencem.

Sendo assim, é nessa direção que a responsabilidade pela formação passa a ter um significado.

³ David Kolb, em 1984, publicou o livro: *Aprendizagem Experiencial: Experiência Como a Fonte de Aprendizagem e Desenvolvimento*. Partindo do princípio que o aluno adulto apresenta maturação e prontidão para aprender, afirma que sua aprendizagem é marcada pelo auto direcionamento.

É necessário o compromisso com a formação e a gestão de novas práticas revestidas de um caráter de intencionalidade, que possa gerar inquietações que promovam a flexibilização do processo de mudanças. Diferentes perspectivas são colocadas diante do professor levando-os a renovação das suas concepções sobre o ensino, orientando a construção de novas experiências profissionais e de uma nova cultura.

Contribuições de Paulo Freire para educação de jovens e adultos: Pedagogia Libertadora/ Transformadora

Percebemos a importância do pensamento de Paulo Freire para Educação de Jovens e Adultos. A trajetória de Paulo Freire deixou as marcas de um cidadão do mundo que idealizou um modelo de educação, ou, um método de alfabetização, pertinente para a Educação de Jovens e Adultos em que as camadas excluídas da sociedade, os despossuídos, pudessem ter acesso às palavras e com ela uma conscientização de si mesmos para alcançar a libertação.

Sendo assim, a educação de Jovens e Adultos tem no legado de Freire a referência para o desenvolvimento de uma prática pedagógica transformadora, Freire foi considerado um dos grandes educadores brasileiros, suas obras foram traduzidas em dezenas de línguas, para o autor, o aluno é um sujeito historicamente situado, a meta da instituição de ensino é prepará-lo para ser agente de transformação.

Sua proposta educacional parte de uma análise crítica da realidade e tem como eixo central o contexto sócio, político, econômico e cultural da sociedade, assim, a educação é espaço de conflitos, interesses sociais contraditórios, lutas de poder, e no qual é possível criar-se um discurso crítico capaz de desvelar esta realidade, seus condicionamentos socioeconômicos e as condições necessárias à sua superação.

A proposta implica, de acordo com Saviani (2008), ver com transparência os determinantes sociais da educação, posicionamento do professor em relação às contradições para direcionar-se de forma adequada em relação às questões educacionais. O precursor dessa proposta é Paulo Freire. De acordo com Freire (2004, p. 26, grifo do autor):

[...] ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. [...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente do saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, apreendido pelos educandos.

Essa abordagem possibilita ao aluno uma leitura de mundo mais crítica e transformadora. A relação professor e aluno não é imposta, mas horizontal e de acordo com Mizukami (2002, p. 99) “[...] o professor procurará criar condições para que, juntamente com os alunos, a consciência ingênua seja superada e que estes possam perceber as contradições da sociedade e grupos em que vivem”. A dialogicidade está sempre presente, e quanto à avaliação, prevalece a auto-avaliação, priorizando a abordagem formativa. É uma proposta de trabalho não formal, revestida por um caráter político e considerada um ato amoroso. Essa abordagem percebe o professor como orientador do ensino, centrando seu trabalho em temas sociais e políticos, visando a ação transformadora sobre a realidade e seus problemas. Enfatiza o diálogo, o trabalho em grupo, debates, relatos de experiências a partir dos temas geradores.

A Tendência Progressista Libertadora tem sua origem com os movimentos da educação popular, no início dos anos 60, quando foi interrompida pelo golpe militar de 1964, e retoma o seu desenvolvimento no final dos anos 70 e início dos anos 80. Sua proposta volta-se para as discussões de temas sociais e políticos

e ações sobre a realidade social imediata, com o intuito de transformá-la. Sua marca é a atuação não-formal, voltada para um caráter político, onde os conteúdos partem de temas geradores, extraídos da vida dos educandos. Predomina o diálogo, onde professor e alunos são sujeitos do conhecimento. Educação problematizadora, que ocorre a partir da codificação da situação problema. De acordo com Freire (2004, p. 26):

Ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. [...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente do saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, apreendido pelos educandos.

Nesse sentido, o professor é um pesquisador e aprendiz de novas dimensões da realidade, e ensinar não é um processo mecânico de transmitir conhecimentos ao educando. A escola deve questionar de forma crítica a realidade, visando a sua transformação. Paulo Freire, sendo idealizador desta pedagogia, reafirma seu caráter político, vendo o professor como animador, que deve descer ao nível dos alunos, trabalhando com grupos de discussões, levando o aluno a autogerir a sua própria aprendizagem, através da codificação, decodificação e problematização de situações (LIBÂNEO, 1994). Nesta perspectiva, acaba-se com toda relação de autoridade, estabelecendo um relacionamento não-diretivo. Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta (LIBÂNEO, 1994, p. 66).

Jovens e adultos que não tiveram acesso à educação na idade apropriada necessitam de educação permanente que possa subsidiar a preparação para o mercado de trabalho e o exercício da cidadania. Os pressupostos de Freire podem contribuir com a qualidade do trabalho desenvolvido nessa modalidade, pois não basta garantir o acesso à educação, é necessário rever a qualidade a fim de promover a aprendizagem do educando. E educação é direito público subjetivo, assim, promover uma educação emancipadora e ampliar as possibilidades da inserção dos jovens e adultos na sociedade e no trabalho. É necessário pensar em uma educação que trabalhe através de um currículo multicultural, que possibilite a formação de qualidade, valorizando as experiências de vida, através de uma proposta que contemple a formação humana, com o sentido de educar para toda a vida.

A Pedagogia Libertadora, segundo Libâneo (1994) não tem uma proposta explícita de Didática, o professor orienta a aprendizagem de seus alunos, onde a atividade escolar é centrada em temas sociais e políticos e busca uma ação coletiva frente aos problemas sociais, enfatizando sua meta transformadora. A organização do trabalho pedagógico precisa atender as especificidades da EJA, ressignificando experiências culturais dos educandos e proporcionando a construção e reconstrução de conhecimentos.

As contribuições freireanas em relação à educação de adultos estão assentadas em um caráter sociopolítico e cultural, buscando revelar conflitos, contradições e engajar as classes populares em um processo de libertação da opressão. Freire parte de uma análise da sociedade brasileira, possibilitando a reflexão sobre questões políticas e econômicas, assim seu pensamento é aberto a universalidade, analisa as influências do neoliberalismo e da globalização. Assim, apresenta os saberes necessários a prática educativa, contribuindo para a definição do aluno adulto e as manifestações da exclusão social.

O diálogo como referencial epistemológico da teoria freiriana

Nessa perspectiva, torna-se imperativa uma reflexão mais aprofundada acerca do diálogo como

ferramenta pedagógica e das suas contribuições para a formação dos educadores na EJA, um importante referencial epistemológico da teoria freiriana. Segundo o autor, considerando que o ato de conhecer dá-se no processo social, o diálogo, se configura como o principal mediador desse caminho. Assim, no processo de aprendizagem, só aquele que escuta de fato - que encontra sentido no que foi dito, a partir de procedimentos de apropriação, transformação, reinvenção e aplicação concreta – aprende, constrói conhecimento.

É a partir disso que escolarização se torna educação, quando está vinculada aos processos sociais mais amplos, nos quais a escola pode e deve ocupar este espaço privilegiado de reflexão acerca da vida: de todas as formas de organização humanas, de como as sociedades se organizam para manter, ampliar e qualificar a existência humana, das concepções e valores que orientam o modo de ser e agir, dos processos históricos, da ocupação do espaço geográfico, das relações sociais, das relações de poder, das diversas linguagens, do conhecimento do corpo físico, etc.

Ser sujeito é fazer escolhas. É posicionar-se frente ao mundo e, ao posicionar-se, ocorre o compromisso. Quando escolhemos ser educadores, professores de jovens e adultos, assumimos um compromisso que nem sempre é claro para nós. A educação problematizadora se faz, assim, num esforço permanente pelo qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se encontram. Por isso, o diálogo é “o selo do ato cognoscente, desvelador da realidade”. Essa dialogicidade começa “não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes” (FREIRE, 1978, p. 96).

Em relação a isso, Freire propõe que o ponto de partida desse diálogo seja a busca do conteúdo programático, em que estão implicados saberes diferentes que não podem ser impostos por ninguém, mas podem emergir a partir da comunicação crítica e esperançosa sobre nossa condição no mundo. Conforme apontado por Zitkoski:

O desafio freiriano é construirmos novos saberes a partir da situação dialógica que provoca a interação e a partilha de mundos diferentes, mas que comungam do sonho e da esperança de juntos construirmos nosso ser mais (ZITKOSKI, 2010, p. 118).

Fazer formação de professores em EJA é partir desta reflexão de quem somos, que visões de mundo, de educação, de jovens e adultos temos, que desejos nos levam-nos a interessarmos por esta área de atuação. É nos voltarmos para nós mesmos, é nos reconhecermos em nossa transitoriedade e inacabamento enquanto seres humanos, é saber da importância e da profundidade desta tarefa que é educar.

Sabemos que jovens e adultos que procuram a EJA querem saber assinar o nome, ler a placa do ônibus, ler o jornal, a Bíblia, escrever cartas, escrever recados, fazer contas no papel. Querem muitas coisas, na sua maioria estão cheio de desejos. Querem aprender a “falar direito”, aprender novos jeitos de ser, conhecer pessoas. Querem tudo pra agora. Não há tempo a perder, não há tempo para o conhecimento ser usado no futuro, como se diz para as crianças, o futuro quase já passou. O que vale são as necessidades e desejos do agora.

Isto exige a constituição de grupo, da instauração da solidariedade e compromisso com o outro, antes isolado em seus próprios pensamentos, exige aprender a ouvir e a falar, exige afeto, “querer bem” como diz Paulo Freire, desejar que cada ser humano possa ser o máximo de suas potencialidades. Quanto mais um aprende, mais o grupo inteiro cresce, desenvolve a reflexão crítica acerca do conhecimento do mundo.

Trabalhar com jovens e adultos é estar aberto para conhecer seus educandos, é estabelecer junto

a eles um projeto do que e como aprender.

De acordo com Paulo Freire, o momento dessa busca é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que é chamado de universo temático ou o conjunto de temas geradores (FREIRE, 1978). O que se pretende investigar é a visão de mundo dos educandos a respeito de determinada realidade e como cada um percebe e se relaciona com essa realidade.

É importante explicitar que os temas geradores não são temáticas motivacionais que se limitam a satisfazer as curiosidades dos educandos, recursos didáticos para melhor atrair sua atenção. São objetos de estudo selecionados no processo de investigação junto à comunidade e a partir do seu caráter significativo, conflituoso e contraditório. “A representação concreta de muitas destas ideias, destes valores, destas concepções e esperanças, como também os obstáculos ao ser mais dos homens constituem os temas da época” (FREIRE, 1978, p. 107).

O diálogo impõe a superação da dicotomia ensino-aprendizagem como compreensão para modificar práticas tradicionais da educação. É o que Freire coloca:

Começamos por afirmar que somente o homem, como um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a sua própria atividade, que dele se separa, somente ele, ao alcançar tais níveis, se fez um ser da práxis. Somente ele vem sendo um ser de relações num mundo de relações. [...] Desprendendo-se do seu contorno, veio tornando-se um ser, não da adaptação, mas da transformação do contorno, um ser de decisão. [...] Daí que, para este humanismo, não haja outro caminho senão a dialogicidade. Para ser autêntico só pode ser dialógico. E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade (FREIRE, 2001, p. 39).

Portanto, é necessário superar a proposta antidialógica porque é incompatível com uma educação humanista e libertadora. Para uma educação libertadora, o conhecimento tem que ser dialógico, sem espaço para invasões e manipulações, ações que não cabem quando se busca compreender as relações homem-mundo, e a transformação constante da realidade.

Prática docente no ensino da EJA

Morin (2011) descreve pontos importantes relacionados à missão de ensinar, como: levar os alunos a contextualizar e distinguir os problemas multidimensionais; prepará-los para compreender a crescente complexidade dos problemas; prepará-los para enfrentar as incertezas, educando-os para a compreensão humana e ensinando a cidadania. O mundo é visto de forma integrada, combatendo a fragmentação do conhecimento, onde se adota características de rede, que propõem a interconexão entre o conhecimento. Capra (2004), ao se referir a tal modelo de aprendizagem, afirma que este “[...] pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas” (CAPRA, 2004, p. 25).

A proposta fundamental é reconhecer que nossos alunos são marcados por diferenças individuais e, na perspectiva andragógica, a aprendizagem de adultos se diferencia das crianças e adolescentes, uma vez que os adultos são automotivados, possuem uma vivência rica em experiências, tanto na sua vida pessoal como profissional, são capazes de agir e tomar decisões de forma autônoma. O sentido é de formação ao longo da vida, podendo refletir e realizar escolhas, dando novos direcionamentos.

A prática docente fundamenta-se em metodologias que apresentem as seguintes características:

trabalho com o aluno adulto; despertar no adulto a consciência da necessidade de instruir-se e a noção clara da sua participação na sociedade; partir dos elementos que compõem a realidade do educando, que se destacam como expressão de sua relação direta e contínua com o mundo em que vive; não impor o método ao educando e, sim, criá-lo com ele, com base na realidade em que vive; o professor instrutor deve atuar como incentivador da busca autônoma de conhecimentos; propor o conteúdo da instrução, o que deve ser justificado como uma contribuição para melhorar as condições de vida do homem.

Alunos da EJA buscam a escola para fazer parte do mundo letrado, garantindo a educação como direito público subjetivo, nessa perspectiva, professores e alunos são produtores de conhecimento a partir da valorização dos saberes da experiência, necessitam de participar ativamente nesse processo e que a escola possa vir de encontro às suas necessidades. Ademais, apresentam grande bagagem cultural, voltada para a dimensão pragmática, que influencia sua visão de mundo, uma característica marcante é a baixa autoestima, impulsionada, em muitos casos, pelo baixo desempenho escolar, assim, sentimento de insegurança e desvalorização pessoal são frequentes. (BRASIL, 2006, p.16).

Vejamos os exemplos de depoimentos:

Entrevistada **B**, 34 anos, aluna da EJA, abandonou a escola ainda criança, por não ter incentivo da família. Ela lembra como se sentia numa sala de aula incomodada por estar grávida e levar o outro filho menor para a escola: *“Eu tinha medo de ir à escola, me dava um frio na barriga. Tentava prestar atenção na aula, mas entendia tudo pela metade. Tentei participar das aulas, algumas vezes, mas minhas perguntas sempre causavam risos e a professora nunca falava nada. Tinha vergonha de não saber!”*

Entrevistada **C**, 81 anos, aluna da EJA, nunca frequentou a escola, mas disse que sabe muita coisa com a experiência de vida. A entrevistada ria contando muitas histórias de sua vida. *“Na época em que eu era criança não tinha tanta necessidade de ir para a escola, não tinha os estudos que têm hoje, morava na roça.” Ela disse que o estudo era muito difícil, a mãe dela não estudou e nem teve como colocar ela e os irmãos para estudar.*

Os alunos da EJA são trabalhadores, que em muitos casos, apresentam dificuldade em conciliar trabalho e estudo, muitos também iniciaram a sua vida profissional muito cedo, é necessário identificar os seus saberes. Saberes estes que muitas vezes detem pela vivência e não pelo conhecimento teórico dos livros. Por exemplo:

- ENTREVISTADO **D**, ALUNO DA EJA NO TOPA. Profissão: servente de pedreiro. Para exercer a profissão, presume-se que ele domine: noções de vida sobre medidas de peso e comprimento; domínio de área (espaço e cálculo), volume; visão espacial e estética; materiais, produtos e quantidades; domínio do tempo cronológico; noções de misturas, proporções.
- ENTREVISTADA **E**, ALUNA DA EJA. Profissão: Babá. Para exercer sua profissão, presume-se que ela domine: noções de vida sobre nutrição; saúde, vacinação; comunicação; desenvolvimento das crianças; repertório: canções, histórias, brincadeiras infantis.
- ENTREVISTADO **F**, ALUNO DA EJA. Profissão: vendedor de frutas na feira. Para exercer sua profissão, presume-se que ele domine: noções de vida sobre escolha de fornecedores; dar preço; argumentar para vender; calcular troco; calcular lucro; calcular, prejuízo; divulgar seu produto; escolher estratégia de venda.

Os exemplos mostram que os alunos ao chegarem aos bancos escolares, apresentam uma riqueza de saberes e muitos dos conteúdos que serão desenvolvidos no espaço escolar, os mesmo já fazem uso em sua prática social. Assim, a Andragogia contribui para tornar o espaço da escola em um ambiente acolhedor, onde o aluno se sinta desafiado a produzir conhecimento, é importante que tenhamos um professor com conhecimentos específicos da EJA, que não transfira sua prática do regular para essa modalidade, pois a mesma apresenta características próprias.

São muitas histórias de vida marcadas por diferentes saberes, culturas e pela heterogeneidade, que são socializados no espaço escolar, após percorrem todo um caminho onde foi acumulada uma

multiplicidade de saberes de áreas diversas. Tal assertiva constitui uma das principais premissas defendidas por Paulo Freire, que argumenta que as práticas pedagógicas devem considerar o contexto de vida dos educandos como conteúdo básico, levando-os a se compreenderem como seres culturais, originários e produtores de cultura (FREIRE, 1978; 1992; 1999).

Atentando-se para tais especificidades inerentes ao campo da EJA, presume-se que o perfil do profissional que atua nessa modalidade deve também ser diferenciado. Entretanto, a discussão acerca das bases teóricas fundamentais para a formação dos educadores de jovens e adultos permanece sem parâmetros que possam orientá-la (ARROYO, 2006; VÓVIO, 2010). Nesse sentido, esta pesquisa abordou algumas reflexões acerca das especificidades peculiares da EJA, com o objetivo de pensar sobre essa modalidade educativa.

Considerações finais

A Andragogia diz respeito à educação de jovens e adultos, precisamos então verificar qual a população atendida. Os adultos apresentam uma variedade de estilos e necessidades de aprendizagem. Nesse sentido, a nosso ver, inicialmente, é necessário ultrapassar o sentido tradicional de ensino como mera transmissão, para avançar rumo a uma educação dialógica.

Ficou constatado que os alunos da educação de jovens e adultos iniciam seu processo de escolarização tardiamente ou retornam à escola após um período de suspensão das suas atividades acadêmicas, não realizando seus estudos na idade apropriada. Para tanto, considerando como eixos da EJA trabalho, cultura e tempo, destacamos nessa modalidade de ensino a importância de uma aprendizagem significativa, que possibilite a (re)construção de saberes, valorizando suas experiências de vida. O foco do trabalho está na formação permanente e preparação para o trabalho e exercício da cidadania.

Na perspectiva de um diálogo andragógico, os estudos mostraram a preocupação com a qualidade dessa modalidade e sua ampliação no que se refere ao atendimento que traz um panorama das funções da EJA, destacando sua formação continuada ao longo da vida, para ampliar a inserção no mundo do trabalho e na sociedade em consonância com a autonomia do aprendiz da EJA. Essa modalidade que, por muitos anos, foi infantilizada necessita de um modelo pedagógico adequado às características de seu alunado, favorecendo a reconstrução de seus conhecimentos por meio da valorização de suas experiências, possibilitando o desenvolvimento da autonomia para que jovens e adultos possam ocupar seu lugar na sociedade.

Verificou-se que os alunos são detentores de muitas histórias de vida e expectativas em relação ao seu processo de escolarização, as condições de vida e conhecimentos são variadas, é desejável um professor com perfil para trabalhar na EJA que leve em conta a heterogeneidade de seus alunos, as características da vida adulta e os diferentes estilos de aprendizagem, um profissional que valorize a formação continuada.

Ademais, a consciência crítica do educando jovem e adulto tem um motor: a curiosidade pelo “mundo das letras”. Ela é a característica fundamental da consciência crítica, que não se reduz à tomada de consciência, mas provoca a conscientização de sua condição de sujeito histórico. Assim, a Educação de Jovens e Adultos, compreendida por Freire como prática social histórica, tendo em vista sua inserção num projeto de transformação social mais amplo, exige, pois, uma pedagogia e uma didática dialógica que, fundamentadas em referenciais teóricos críticos, orientem-na na perspectiva de sua democratização.

Portanto, é preciso reconhecê-los como sujeito de direito e realizar um levantamento das suas necessidades e expectativas, conhecer suas histórias de vida, verificando os motivos que os levaram a retornar ou iniciar seu processo de escolarização, os quais são fruto de tentativas de sucesso ou fracasso escolar. A escola representa uma oportunidade de inserção social e desenvolvimento pessoal e profissional. A valorização dos saberes desses jovens e adultos implica em mecanismos que possam combater a discriminação e a exclusão da sociedade. A qualificação implica uma melhor expectativa de vida para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOSTÓLICO, Cimara. Andragogia: um olhar para o aluno adulto. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**. n.9. jul/dez.2012. Disponível em <http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/31>. Acesso em: 17 jan. 2014.
- AQUINO, Carlos Tasso Eira de. **Como aprender: andragogia e as habilidades de aprendizagem**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- ARROYO, Miguel. Formar educadores e educadoras de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio José Gomes (Org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autentica, 2006. p. 17-32.
- BATISTA, Gustavo Araújo; SILVA, Márcia Rodrigues Luiz. **Estilos de aprendizagem Kolb**. 2010. Disponível em: <<http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/105>>. Acesso em: 15 jan. 2014.
- BEHRENS, M. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunos e alunas da EJA**. Brasília, 2006.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 65 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 165 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 245 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 218 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- LIBÂNEO, José Carlos. Tendências Pedagógicas na prática escolar. In: LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 53-76.
- MIZUKAMI, Maira. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 2002.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformular o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 19. ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2011. 128 p.
- OLIVEIRA, Gilberto Gonçalves de. **Andragogia e aprendizagem na modalidade de educação a distância: contribuições da neurociência**. São Paulo: Peixoto Neto, 2009.
- OSÓRIO, A. **Educação permanente e educação de adultos**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 2003.
- SAVIANI, Demerval. A pedagogia no Brasil: história e teoria. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 31, p. 208-210, set. 2008. (Coleção Memória da Educação). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/715/71518580015.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2014.
- VÓVIO, Cláudia Lemos. Formação de educadores de jovens e adultos: a apropriação de saberes e práticas conectadas à docência. In: SOARES, Leôncio José Gomes (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: educação de jovens e adultos**. Coleção Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 60-77.
- ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/dialogicidade. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2010. 439 p.

ANDRAGOGY AND NURSING EDUCATION, YOUTH AND ADULTS

ABSTRACT: The research addresses the contributions of Andragogy Educational Housing, Youth and Adults. Aimed at understanding the andragogical learning process in adult education, recognizing its specificities. For the development work, a qualitative survey was conducted. He used the interview as data collection instrument with some students of the EJA in the municipality of Ilhéus - BA. It was found that the students are holders of many life stories and expectations in relation to their schooling, living conditions and knowledge are varied. A teacher profile to work in adult education that takes into account the heterogeneity of the class, the characteristics of adult life, different learning styles and a professional that values continuing education is desirable.

Keywords: Andragogy; education of youth and adults; continuing education.

Recebido em: 23 / 10 / 2015

Aceito para publicação em: 20 / 12 / 2015